



**guilherme gontijo flores<sup>i</sup>**

## ***HISTÓRIA DOS ANIMAIS***

### **Mimesis via Hegel**

O rouxinol naturalmente  
agrada porque  
ouvimos o  
animal  
emitir na sua  
inconsciência  
natural  
sons que se  
assemelham ao  
sentimento  
a imitação do humano  
pela natureza

*p/ Donizete Galvão*

O coice do cavalo era brutal infindo  
podia ser inteiro  
a nossa estrada

nunca tivemos nunca  
montaria no quintal  
nunca tivemos um quintal

porque éramos talvez  
os bichos bichos mesmos  
extraviados sobre a terra

vermelha sem capim

Um alce vermelho cavalgado pela criança  
exibe no lombo de plástico inflado  
a possibilidade  
ainda que pequena

em seu vermelho plástico  
cada chifre  
– um guidon para a partida imóvel –  
oferta a guia do invisível

& a criança em sua carne cavalga  
aquela possibilidade de instante  
que se traduz em luz de riso

*"Mas eu comi, bebi e me banhei. Se morro, não me importa"*  
(a mosca de Esopo)

Nem faz calor  
enquanto um paralelo de asas  
sem nome no meu cérebro  
    porém catalogado  
sob título latino digno  
de total ignorância  
– inseto aqui lhe cabe como nome –

em parafuso céu acima  
até num mergulho  
em caça inesperada  
por uma raspa de limão

terminar cozido  
numa xícara de espresso romano

Há medo em cada toque  
é inevitável simples  
& mesmo o sabiá que a cada dia  
enfrenta entre bicadas  
o vidro sujo da janela  
da nossa casa  
enquanto espalha penas  
& caga no beiral  
presente que no espelho falso  
– esse espetáculo de luz –  
que bica mais & mais  
dias a fio até  
que pouco a pouco se desfaz  
talvez sem prole sem mistério  
cansado boca adentro  
dos gatos ou cachorros que o espreitam  
ele sabe a dureza do encontro  
ele bica & presente no toque  
a frieza da morte  
mas cada dia volta  
& bica & morre & volta  
até que um dia morre  
como nós dois tocados  
na escuridão do quarto  
o leite que te escorre  
o negro leite nesta noite  
que não te faz mastite  
& então me empapa  
o peito as costas o lençol  
enquanto no outro quarto  
a nossa filha dorme  
o desmame dos séculos

Outra panela com patas  
tem bojo abaulado sobre o fogo  
que lhe sobe pelo casco  
pinta fagulha & fumo às placas esverdeadas  
num jogo de cores dissoluto aos gostos  
da ceia sagrada dos guará

Curiosa sopa de si a que se entrega o jabuti  
fervido ainda vivo sem escolha  
invertendo-se em vista para o céu  
(na busca de algum deus igual aos seus?)  
da grande boca azul que cobre a mata  
Nada tem pressa  
a sina até chegar no ponto  
dura todo o tempo do mundo

## Um elefante chora

*eu e meu elefante  
em que amo disfarçar-me  
(CDA)*

Pois depois de cinquenta  
anos de cativo

eis que aquele elefante  
chorou por ser liberto

as manchetes nos dizem  
como que comovidas

porque agora encontraram  
água nas profundezas

por baixo do petróleo  
profundo da terra

e aquilo que hoje chamo  
chorar nesse elefante

só permanecerá  
ou assim eu espero

só permanecerá  
como irremediável

signo que segue além  
da amarra do sentido

talvez por renegar  
nossas aspirações

pela profundidade  
para assim pairar longe

por sobre as superfícies  
enrugadas que agora

acinzentadas cercam  
os olhos do elefante

*Et latet et lucet Phaethontide condita gutta*  
(Marcial, 4.32)

Latente reluzente  
encontra-se escondida

numa pérola de âmbar  
presa no próprio néctar

a abelha agora colhe  
a paga do trabalho

parece preferir  
poder morrer assim

O nylon enlaçado à pele  
intruso e salvação  
da parte lacerada  
para o cachorro já não passa  
de coceira inútil  
(broto de berne ou sarna sob o saco)  
& sem saber se lambe  
o cão irremediavelmente  
castrado

Um lago estanque aberta a boca  
ainda dentada a morte  
simples sem sentido  
fora da vida fora do senso  
veja  
agora pousada do teu ombro  
inatento como súbito voa  
desenvolta do casulo  
aquela estranha mariposa



---

<sup>i</sup> **guilherme gontijo flores** (brasília, 1984) é poeta, tradutor e professor de latim na UFPR. Publicou traduções de *As janelas, seguidas de poemas em prosa franceses*, de Rilke (parceria com Bruno D’Abruzzo), *A anatomia da melancolia*, de Robert Burton (4 vols. ganhador dos prêmios APCA e Jabuti de tradução), além das *Elegias de Sexto Propércio* e do *Paraíso Reconquistado*, de John Milton. Seu primeiro livro de poemas, *brasa enganosa*, foi finalista do Portugal Telecom 2014; lançou recentemente o poema-site *Tróia*des – remix para o próximo milênio ([www.troiades.com.br](http://www.troiades.com.br)); *l’azur Blasé*, seu segundo livro, está no prelo: os 3 trabalhos fazem parte da tetralogia *Todos os nomes que talvez tivéssemos*. É coeditor da revista e blog *escamandro* ([www.escamandro.wordpress.com](http://www.escamandro.wordpress.com)).